



SEÇÃO FILOSOFIA & INTERDISCIPLINARIDADE

Notas sobre a psicanálise existencial sartriana: Mallarmé ama um sonho?

Notes on Sartre's existential psychoanalysis: Does Mallarmé loves a dream?

Notas sobre el psicoanálisis existencial de Sartre: ¿Mallarmé ama un sueño?

Luciano Donizetti da Silva¹

orcid.org/0000-0003-0584-7377
donizetti.silva@hotmail.com

Recebido em: 1 fev. 2022.

Aprovado em: 30 ago. 2022.

Publicado em: 21 nov. 2022.

Resumo: O presente artigo traz uma reflexão sobre o livro *Mallarmé – la lucidité et sa face d'ombre*, obra em que Sartre discute a relevância e o alcance da psicanálise existencial. A introdução e a primeira nota, fundadas em EN, visam mostrar o papel situado da liberdade; a segunda nota cuida de aplicar essa chave de leitura à existência do poeta Mallarmé; a terceira nota mostra as consequências para toda poesia, caso seja desconsiderada a "escolha original" do poeta (homem situado). Enfim, trata-se de mostrar o caráter onírico do projeto existencial de Mallarmé, expresso em sua poesia.

Palavras-chave: Sartre; Mallarmé; sonho; psicanálise existencial.

Abstract: The purpose of this article is to do a reflection about the book *Mallarmé – la lucidité et sa face d'ombre*, a work in which Sartre discusses the relevance and scope of the existential psychoanalysis. The introduction and the first note, founded in EN, aim to show the situated role of freedom; the second note uses this reading key apply to the existence of the poet Mallarmé; the third note shows the consequences, for all poetry, if the poet's 'original choice' (a situated man) is not considered. Finally, it is about showing the dreamlike character of Mallarmé's existential project, expressed in his poetry.

Keywords: Sartre; Mallarmé; dream; existential psychoanalysis.

Resumen: Una reflexión sobre el libro *Mallarmé – la lucidité et sa face d'ombre*, obra en la que Sartre discute la relevancia y el alcance del psicoanálisis existencial. La introducción y la primera nota, fundadas en EN, tienen como objetivo mostrar el papel situado de la libertad; la segunda nota se encarga de aplicar esta clave a la existencia del poeta Mallarmé; la tercera nota muestra las consecuencias para toda poesía, si la "elección original" del poeta (hombre situado) no es considerada. Finalmente, mostrar el carácter onírico del proyecto existencial de Mallarmé, expresado en su poesía.

Palabras clave: Sartre; Mallarmé; sueño; psicoanálisis existencial.

Introdução

A filosofia da liberdade suscita questões variadas, e o faz a partir da fenomenologia, método que, segundo Sartre, estava *destinado* a renovar *todo o conhecimento*. Da fenomenologia o filósofo chega à sua ontologia, onde descreve os "fundamentos do real": em *O Ser e o Nada* parte-se da *situação* de cada homem e cada mulher, e será pela análise de "condutas humanas situadas no mundo" que a filosofia da liberdade será escrita. Assim, o ensaio de ontologia fenomenológica revela-se radical-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil.

mente humanista: todo e qualquer sentido que o mundo teve, tenha ou possa vir a ter, é devido à escolha humana; cada homem e cada mulher é responsável por aquilo que foi e é; e por aquilo que será, pois ser-para-si é *projetar-se*: o homem será aquilo que ele mesmo escolhe. Enfim, para Sartre ser-homem é ser-liberdade-situada.

O problema aparece quando se fala em liberdade. Há correntes, grades e grilhões onde quer que se olhe; câmeras, radares e olhares que revelam o pequeno espaço daquilo que de fato se poderia considerar liberdade. E, mais, ausência de constrangimento externo não garante que o homem seja livre: ele também é *olhado por si mesmo*, desde sua *idade da razão*, desde o momento em que ele se voltou para si (reflexão); antes foi olhado por outros. Assim, cada um de nós convive com um *estranho-em-si-mesmo*, que foi e escolheu e que de algum modo ainda é e *escolhe em nosso lugar, sem que o saibamos*; a dificuldade maior é *situada*: cada homem e cada mulher, por sua entronização no mundo, *sabe-se não livre*; pode-se até admitir *espaços de liberdade*, inegáveis fenomenologicamente, mas não o ser-liberdade. Sartre é austero: *O Existencialismo é um Humanismo* mostra que cada ser humano é sua obra, assim como o mundo em todas as suas nuances é também obra humana; fora disso, resta a má-fé, essa tentação do homem de todos os tempos.

Não se trata de falar da fenomenologia ou psicanálise contemporâneas. A crítica de Sartre é aquela de 1943, desde solos fenomenológicos. Assim, a consciência aqui referida é *translúcida*, que trafega de si a si sem intermediários; e, porque intencional, ela é negação que revela e constitui mundo. Onde encaixar nesse modelo alguma *inconsciência*? A liberdade absoluta funda-se no movimento perpétuo que a consciência é, de si a si; ser-homem é ser-liberdade, e toda tentativa de negar essa tese sem, antes, dismantelar as bases da ontologia fenomenológica, aparece como um elaborado ato de má-fé. E, assim, nada "ganhamos com a psicanálise, porque ela, para suprimir a má-fé, estabeleceu entre inconsciente

e consciência uma consciência autônoma e de má-fé" (SARTRE, 2011, p. 98-99). O filósofo utiliza palavras duras; e diz mais:

a psicanálise substitui a noção de má-fé pela ideia de uma mentira sem mentiroso; [...]; substitui a dualidade do enganador e do enganado, condição essencial à mentira, pela dualidade do "Id" e do "Eu", e introduz em minha subjetividade mais profunda a estrutura intersubjetiva do *mit-sein* (SARTRE, 2011, p. 97).

Sartre é categórico: foi a psicanálise que, por primeiro, considerou o homem na sua *delicada* relação consigo mesmo. Parafraseando-o, assim como sua filosofia, a psicanálise indaga em que condições é possível que tal pessoa em particular tenha executado tal ação em particular; isso quer dizer, para Sartre não há "determinismo psíquico horizontal". A situação, contrapeso e lugar da liberdade, mostrou-se já na ontologia fenomenológica o lugar de um ser que, de certo modo, *é antes de existir*.

Todo homem, que *foi criança*, é para-outro antes de ser-para-si. É o que, por exemplo, se passa com a noção de *iluminação inata*, que explicaria o gênio do poeta Stéphane Mallarmé; Sartre endossa que é preciso voltar-se para a infância para encontrar ali não alguma *essência*, e sim o processo de livre *inserção no Mundo*. Assim, as "crianças felizes descobrem a plenitude como um dado imediato; a negação, a ausência e todas as formas do Nada lhes aparecem em seguida sob o aspecto de insuficiências locais" (SARTRE, 1986, p. 102, tradução nossa).² Sartre reencontra a densidade daquilo que ele tinha visto como *Id, Ego e Superego*, e ser-homem (ou ser-liberdade) revela-se, para o existencialismo, a assunção do mundo vigente com todos seus valores e desvalias. Livrementemente.

A consciência translúcida reveste-se de dúvidas quando situada; então, para afirmar a liberdade revelada pela ontologia cabe, dentre outras urgências, ampliar a *psicanálise*. Para Sartre isso exige rever a tese do inconsciente que age nas escolhas presentes como meio de recuperar a liberdade, mesmo que situada. Pois

² Os trechos de Mallarmé citados nesse artigo foram traduzidos por mim, a partir do original.

Seria absurdo, com efeito, imaginar que a 'realidade humana' existe primeiro para entrar de supetão em contato com aquilo que ela não é. [...] Ou o homem é uma pedra ou ele é a relação original, isto é, o ser pelo qual a relação aparece no Ser, ou ainda, fundamento de todas as relações (SARTRE, 1986, p. 94, tradução nossa).

É em razão da situação que se constitui o sentido (ou o *valor*) de uma escolha qualquer, e não alguma instância inconsciente. Sartre rejeita aquilo que ele considera a *linguagem coisificante* da psicanálise, pois a *censura de si exige saber o que reprimir*. Ou, pergunta, "como a censura poderia discernir impulsos reprimíveis sem ter consciência de discerni-los? Seria possível conceber um saber ignorante de si?" (SARTRE, 2011, p. 98).

Essa postura aparentemente dúbia no trato da psicanálise revela bastante sobre as intenções de Sartre nos anos 1940: *reunir a extrema subjetividade à extrema objetividade* o que, nos termos postos, significa que cada homem e cada mulher *assuma em seu ser aquilo que foi e, claro, reconheça-se como fonte decisiva daquilo que será*; e o faça em seu mundo, a partir daquilo que o *grupo* demanda. Isso requer não apenas negar o inconsciente, mas também mostrar a exata relação entre situação e repressão psíquica; ou seja, investigar o *sentido profundo da escolha*, que é "universal e, por isso, o Para-si faz com que exista uma realidade humana como espécie. É preciso ainda *extrair* o sentido, que é *implícito*; e para tal irá nos servir a psicanálise existencial" (SARTRE, 2011, p. 674). Não há psicanálise existencial *em abstrato*: o teatro sartriano é *de situações*, tanto como sua literatura é *engajada*. Ainda, seus textos *técnicos* ou aqueles tantos que se situam politicamente (intervenções) não são compreensíveis senão quando situados; isso se aplica também às obras que expressam aspectos da psicanálise existencial tentados pelo filósofo, quatro notadamente: Mallarmé, Baudelaire, Ge-

net e Flaubert.³ O papel de destaque que Sartre concede à psicanálise existencial não pode ser ignorado: ele quer *extrair o sentido implícito universal da realidade humana*; mas seria possível, em situação, *extrair* tal sentido? Vejamos, da perspectiva do *ensejo* de psicanálise existencial de Stéphane Mallarmé.

Nota 1, Psicanálise existencial e liberdade situada

A filosofia da liberdade defende sua proposta psicanalítica, presente na ontologia fenomenológica; assim, muito antes de explicitar a noção de particular-universal na sua *Crítica da Razão Dialética* (SARTRE, 1960), essa abordagem foi a chave de leitura para explicar as relações entre Baudelaire, sua obra e seu tempo já em 1947; e isso apenas quatro anos após a publicação de *O Ser e o Nada*. De Baudelaire, passando em 1952 por *Saint Genet – ator e mártir*, a filosofia de Sartre chega em 1972 a *Flaubert, o idiota da família*. A psicanálise existencial busca o sentido profundo de todo ato; e o faz não apenas considerando a profusão vertical de sentidos possíveis (míticos ou arquetípicos), mas admite e requer que a inspeção considere toda a riqueza *horizontal* do fenômeno psíquico: seu *tempo*, a situação, conforme anunciado (época, valores, técnica etc.).

A *psicanálise regressiva* repete o complexo existencial, enquanto a progressão sintética, por sua vez, promete revelar o sentido profundo e social (compartilhado) da *realidade humana*, também situada. E há mais, pois a compreensão do homem-no-mundo

se faz em dois sentidos inversos: por uma psicanálise regressiva, remontamos do ato considerado até meu último possível; por uma progressão sintética, tornamos a descer desse último possível até o ato considerado e captamos sua integração na forma total (SARTRE, 2011, p. 567).

³ Essas obras, embora biográficas, visam revelar a liberdade situada a partir de casos *concretos*, de homens *reais*, como real é seu *tempo*, vivido individual e coletivamente (Outro, História). A ontologia, *por si*, permanece incapaz de explicar uma existência (pessoa); todavia, exemplos de experiências da liberdade situada são comuns na *literatura* ou *teatro* sartrianos. Mas são *personagens* (ainda que inspirados em pessoas que Sartre conheceu ou nas experiências dele próprio), e cabe falar de *homens de fato*, homens como Stéphane Mallarmé. Assim, justifica-se considerar esse estilo biográfico, que remete também a Charles Baudelaire, Jean Genet e Gustave Flaubert, exercícios da psicanálise existencial realizados pelo próprio filósofo – ainda que não deixem de ser "biografias". A respeito, ver Sartre (1963, 1986a, 1972, 1971, 2002) – nessa ordem; ainda, ver Moura (2017), Souza (2018), Fujiwara (2018) e Bocca (2021).

Assim, a ética para Sartre será "do porvir", pois funda-se, necessariamente, na escolha original de ser de cada homem e de cada mulher: a seu modo, repetem (fazem existir) os valores humanos de sua época; ambos inovam e revolucionam valores, encaminhando-se com seu mundo *para o futuro*.

Desse modo, nada sobre o futuro pode advir sem a ação efetiva humana; é sempre dalgum passado, que teria alimentado outros passados e constituído tabelas de valores, que se chega ao presente que somos. Isso fecharia o futuro sobre si mesmo, reduzindo-o a repetições indefinidas. Nas palavras de Sartre,

a dimensão do futuro não existe para a psicanálise. A realidade-humana perde um de seus *ek-stases* e deve ser interpretada unicamente por uma regressão rumo ao passado a partir do presente. [...] Não se outorga ao sujeito qualquer compreensão pré-ontológica do sentido de seus atos. E isso é facilmente compreensível, pois, apesar de tudo, esses atos são apenas um efeito do passado [...], em vez de buscar inscrever seu objetivo no futuro (SARTRE, 2011, p. 565-566).

Para a filosofia da liberdade o homem, mesmo livre, é *condenado a escolher*; e é de sua escolha que seu ser se faz; e, de modo direto, homens e mulheres vêm à existência sem nenhuma essência. Será daí que poderão "definir-se": cada qual é seu projeto de ser, princípio que se aplica a todos os seres-para-si.

Nesse sentido, o livro *Mallarmé – la lucidité et sa face d'ombre*, ainda que não ocupe lugar destacado na obra de Sartre, faz parte do esforço filosófico para mostrar a viabilidade da psicanálise existencial;⁴ e o primeiro ponto a ser considerado, lembra Sartre, é a *situação* em sua amplitude: Mallarmé encontra-se nos tempos da *revolução de 1848*. Ou, como dirá Sartre,

o espírito de análise, arma burguesa por excelência, após ter dissolvido as grandes sínteses monárquicas, veio à tona, sem barulho, quase sem saber, a síntese última, coroamento do edifício, do Ser Causa de Si, Tudo que produz e governa suas partes (SARTRE, 1986, p. 15).

Afinal, continua o filósofo, "a burguesia não podia esconder que ela carregou todo o tempo nela mesma o crime [...] de matar seu rei ou seu Deus" (SARTRE, 1986, p. 15-16, tradução nossa).⁵ É a perda da *causa necessária* a fonte do sentido profundo apresentado pelo filósofo para os tempos em que era preciso combater os anseios de retorno monárquico na França: a Revolução de Janeiro, como ficou conhecida, mostra o homem francês esfacelado por suas diferentes visões de mundo.

Assim, *superadas as amarras transcendentais*, o homem *pressente sua secreta mineralidade*; mas é pelo olhar do século XX que se pode dizer que esse passado revela a reificação da convicção burguesa de que, sem Deus, *ela* é o modelo de homem; afinal, "O homem sem Deus é impossível. E essa autodestruição para além do ateísmo seria como uma prova, por absurdo e contra a evidência, da realidade divina" (SARTRE, 1986, p. 27). A filosofia da liberdade mostra, via *psicanálise existencial* de Mallarmé, que é *pelo homem* que o homem se faz; ou, que é a liberdade absoluta aquela que habita no princípio de toda explicação de mundo, ambiente de um ser que se criou e se mantém, até que ele mesmo se mude, e alterando seu ser, muda os mundos futuros.

Para Sartre, a poesia simbolista revela que o homem ocupa o lugar de *mestre*; ao mesmo tempo em que se perde na sua *grandiloquência*, *ela* arroga para si ser *fonte criadora* de mundo. Ou, dito de outro modo, tem-se na poesia de Mallarmé a *libertação do sentido* do âmbito da gramática; o poeta move sua poesia para o campo *significativo*, fazendo ver *todo o poder da palavra* e, ao mesmo tempo, sua *total impotência*. "Assim sua poesia resta no ar, sem pertença: [...] Deus morto, as palavras caem sobre eles mesmos, resta um nominalismo desesperado" (SARTRE, 1986, p. 20). E, por mais que a linguagem seja o meio necessário (e adequado) de relações entre para-sis, cumpre reafirmar aqui a prioridade da ontologia: parte-se sempre daquilo "que é" (re-

⁴ No mesmo ano da publicação de *Saint Genet, ator e mártir* (1952), obra que segundo o próprio poeta Jean *colocou a nu sua mecânica cerebral*, Sartre iniciou a escrita de *Mallarmé – la lucidité et sa face d'ombre*, obra inconclusa, organizada e publicada em 1986 por Arlette Elkaim-Sartre.

⁵ Ver também: SARTRE 1986, p. 19.

velação de ser) e, então, o significado pode ser constituído; mesmo tendo o mundo inteiro como mediação, não há como admitir significantes sem significados.

A poesia de Mallarmé apresenta-se pretensamente como de cunho *universal* e, de certo modo, Sartre mostra as relações diretas entre os valores da segunda metade do século XIX e aquilo que o poeta pretende: essa *mineralidade secreta*, que permaneceu surda ao homem-operário-que-sofre. Ignorante de trabalhadores e famélicos, o poeta faz-se cego como cega permanece a burguesia em seus desmandos na política de então; e *reconhecer-se em sua história* passa a ser feito futuro. Ainda assim,

pertence a uma realidade humana em geral o fato de podermos submeter um homem qualquer a essa investigação, possibilidade essa a ser estabelecida por uma ontologia [...]. Com efeito, não convém catalogar a lista das condutas, tendências e inclinações, mas, outrossim, é preciso *decifrá-las*, ou seja, saber *interrogá-las*. Tal investigação só pode ser levada a cabo segundo as regras de um método específico. É este método que denominamos psicanálise existencial (SARTRE, 2011, p. 695, grifo do autor).

Não cabe perder-se em enumerações, assim como não parece suficiente apresentar sentidos genéricos e desencarnados do que é o homem em seu mundo. O trabalho da filosofia da liberdade não se encerra em nenhuma sorte de interioridade, tanto quanto não se pretende resumo fixo de uma determinada época ou de suas determinações pontuais.

Mas a França da segunda metade do século XIX, irremediavelmente ligada ao homem Stéphane, revela a poesia que se fez um *experimento elitizado*, cabível a poucos homens e distintivo de uma classe, a burguesia; para Sartre os burgueses elegeram o *passado* em detrimento do presente (pretendiam, com sua futilidade *permitida* pela riqueza, *fazerem-se nobres*). Rejeitar o futuro é a atitude burguesa de, *sabendo-se feita* burguesia a partir do passado (modelo aristocrático), temer o futuro de onde coisas *novas* sempre virão. A liberdade, então negligenciada nesse processo, deve tomar o lugar motriz e originário; ou, con-

forme afirma Sartre, "A psicanálise existencial nada reconhece *antes* do surgimento original da liberdade humana; a psicanálise empírica postula que a afetividade primordial do indivíduo é uma cera virgem *antes* de sua história" (SARTRE, 2011, p. 695-696).

A burguesia deplora o progresso, razão pela qual Mallarmé, *homem cunhado nessa situação*, refugia-se no *cultivo da decadência*: o burguês se vê como aristocrata, membro da elite; poetas que "celebram o mundo inteligível, a Beleza, a Verdade absoluta; [...] Eles têm o sentimento de que a tragédia que se desenrola entre o Céu e a Terra comporta um sacrifício humano no qual eles são as vítimas escolhidas" (SARTRE, 1986, p. 25). A decadência burguesa revela um fenômeno bizarro: o homem se *refugia* em uma espécie de *aristocracia espiritual* que, em suma, é a *hipostasia das virtudes burguesas ideais*.

A má-fé social, aquela de fazer as circunstâncias enquanto afirma-se resultado da situação, somente parece vigor quando a liberdade é negada; assim, torna-se imperativo partir em defesa da liberdade. Ser-homem é ser-liberdade, e ele tanto é livre no ato presente quanto no ato pretérito que o instituiu; assim,

Desde logo, podemos dizer que o projeto fundamental que sou é um projeto que não concerne às minhas relações com tal ou qual objeto em particular do mundo, mas sim a meu ser-no-mundo em totalidade, e que [...] esse projeto posiciona como fim certo tipo de relação que o Para-si quer manter com o ser. Esse projeto não é instantâneo, pois não pode estar 'no' tempo. Tampouco é intemporal, a fim de, posteriormente, 'dar o tempo a si mesmo' (SARTRE, 2011, p. 591).

Sartre revela Mallarmé em seu ser *poeta-funcionário*, que declama todo seu *niilismo poético* como resultado de seu *conformismo de empregado*; suas poesias se prestam exatamente a isso, ao apresentarem sem retoques *toda sua melancolia* ante o presente: o poeta se compara a um *passado* que não é o dele, mas o *lugar onde ele*, burguês decadente, *fará florescer seu projeto de modelo de homem* para todos os homens.

A época, a temporalidade *vivida como tempo*, fundamenta a porção horizontal da psicanálise

proposta por Sartre; do mesmo modo *toda* pergunta *deve ser* situada, ou seja, somente pode ser formulada a partir dos códigos do homem *em seu* tempo. O filósofo mostra que há certa *sonoridade* na poesia de Mallarmé que, a despeito de suas peripécias tipográficas, colore-a *de passado*; reinventa-o. Esse é o nascedouro de um tempo pregresso que exclui toda animalidade do homem, pois "Ausência do mundo e a Ausência eterna de Deus se confundem em um tipo de Trindade na qual cada termo é a prova dos dois outros" (SARTRE, 1986, p. 29-30); é essa obsessão pela pureza que faz da *languidez do entardecer de outono* algo que exclui a alimentação dos répteis, por exemplo (ali cobras não abocanham passarinhos).

Deplorar tudo que seja *natural*, chegando a negar veementemente o *sexo*, repete abertamente o moralismo de então, em um tipo de *exaltação da paixão e adoração da esposa* ou *respeito* pela irmã, o

jovem padre do novo culto não se endereça a Deus: ele reserva suas orações para uma Deusa que será a imagem de tudo isso que uma mulher pode ser para um homem, excetuando-se o amor carnal, branca deusa da castidade confundida, em uma mesma ausência, com a mãe e irmã (SARTRE, 1986, p. 114).

Homem de seu tempo, como também o é Sartre a nossos olhos, Mallarmé lança-se nas sombras; mas mesmo ali alguma luz, a consciência intencional, o persegue. Tendo *sido criança* e atuando em nome de sua pretensa classe, cabe perguntar: Mallarmé, o poeta-funcionário, conhece seu projeto de ser? Será que *sabe* da espécie de *homem* que propõe e de suas implicações? É lícito psicanalisar sua poesia, decifrar seus códigos e *colocar*, como era feito ao mesmo tempo com Jean Genet, *a mecânica cerebral do poeta* à mostra?

Assim, *se sonhos são de fato pesadelos amainados para virem à consciência*, como falar de translucidez da consciência e ao mesmo tempo admitir o não sabido? A filosofia da liberdade é precisa:

se o projeto fundamental é plenamente *vivido* pelo sujeito e, como tal, totalmente consciente, isso não significa em absoluto que deva ser ao mesmo tempo *conhecido* por ele, mas muito pelo contrário; nossos leitores talvez recordem o cuidado que tivemos em nossa Introdução para distinguir consciência de conhecimento (SARTRE, 2011, p. 698).

Trata-se aqui de revelar algo de um *consciente não sabido*; ou valeria dizer inconsciente? De fato, esse aspecto não sabido da consciência parece-se muito com a noção de inconsciente; mas cabem duas observações importantes: primeira, o não sabido não *escolhe* pelo agente, donde seria um ato de má-fé recusar a responsabilidade por alguma escolha; segunda, o não sabido não pode ser generalizado em arquetípicas que fundariam alguma sorte de *essência* ou *arché* da humanidade: sejam quais preconceitos forem, eles sempre estarão situados e, como tal, poderão revelar sua origem.

Preserva-se, assim, a liberdade sem, contudo, ignorar toda a riqueza das descrições do inconsciente; tanto que, não tarda, Sartre inicia uma narrativa dos sentidos da poesia mallarmeana: a mulher é objeto. Mais do que isso, via poesia o feminino torna-se coisa em sua *aparência* e, mais grave, em *seu ser*. E isso, segundo Sartre, está ligado ao fato de Mallarmé estabelecer a proposição de *femme idéale*, a mulher que jamais será tocada, que não *existe* pois não pode existir. Para o filósofo é justamente essa a razão das aplaudidas incursões pelos temas do *fracasso* e do *niilismo* dos poetas *malditos*, uma viagem pelo passado idealizado da burguesia ante sua *real decadência* e ao risco, sempre iminente, de sua *superação*; "A Poesia renuncia à produção de massa para se consagrar à qualidade; ela substitui a abundância desregrada de seus predecessores, que acabaram por provocar uma inflação verbal, a estética da raridade" (SARTRE, 1986, p. 33); o homem *perdido* que Mallarmé indicará, ele o perdeu *em si mesmo*, é a falta que ele, *enquanto se faz objeto burguês*, sente da liberdade que ele é.

Stéphane, enquanto liberdade que é, projeta o *ser burguês* como uma estátua em bronze e *identifica-se* com essa estátua. Entretanto, "Trata-se, na realidade, de restaurar uma aristocracia",

ou seja, "Todo mundo está de acordo, burguês e poeta, para deplorar o progresso da instrução" (SARTRE, 1986, p. 33). Poesia que almeja realizar o ser-para-si tornando-o pedra e bronze, fazendo dele em-si que resiste ao tempo; ilusão canhestra, de uma carne que se corrói e esgarça em um leve escoar infindo de segundos e minutos, ser-finito que é temporalidade e a instaura. A psicanálise existencial visa o homem livre, como aquele que escolhe seu ser donde, nas palavras de Sartre, a liberdade seja a única capaz de conferir sentido à ação: poetar, por exemplo, quando se *é funcionário*, revela-se uma escolha de ser; nem por isso, mostra a psicanálise existencial, a poesia pode ser alheia ou, de algum modo, *separar-se do mundo* (de seu tempo, dos valores ali partilhados).

Assim, mais que revelar a liberdade de Mallarmé, a poesia revela fundamentalmente a *situação* de Stéphane; ou,

encontramos o ato fundamental de liberdade; [...] este ato constantemente renovado não se distingue de meu ser, é escolha de mim mesmo no mundo e, ao mesmo tempo, descoberta do mundo. Isso nos permite evitar o risco do inconsciente com que a psicanálise deparava desde seu ponto de partida. Se nada há na consciência que não seja consciência de ser, seria possível objetar, com efeito, que tal escolha fundamental necessita ser escolha *consciente* (SARTRE, 2011, p. 569, grifo do autor).

O poeta não se confunde com sua obra; mesmo assim ele não pode deixar de sê-la: é Stéphane que a poesia de Mallarmé revela, é o burguês fracassado que fala por seus versos, é a *desordem social* do século XIX poetada. Genial e ligado a seu tempo, Mallarmé edita por sua obra um projeto de homem-burguês que, mirando a derrocada passada dos nobres, mendiga algum reconhecimento, ou *remuneração* para sobreviver. E o faz conscientemente ou, melhor, se todo projeto de ser advém da escolha original, a obra mallarmiana é fruto de escolha, ainda que situada, ainda que entrelaçada nas malhas da História (conflito decorrente do jogo de liberdades) e vivida como corporeidade consciente.

Nota 2, escolha original e poesia de Mallarmé

A escolha original é consciente, porém não sabida. Sartre fala do homem situado, donde sua filosofia exija falar da infância, pois é justamente aí, nessa *sala escura*, que a escolha original tem seu lugar: antes da *idade da razão*, ou seja, mesmo antes de refletir, o para-si escolhe seu ser. Sartre, ao dissociar saber e consciência, não apenas preserva a intencionalidade (a consciência permanece *translúcida*) como, também, reafirma o ambiente ontológico: liberdade está no princípio de tudo, inclusive ela indica o sentido da própria contingência de ser (corporeidade). Em suas palavras, a psicanálise existencial "trata de determinar a *escolha original*. Essa escolha, produzindo-se frente ao mundo e sendo escolha da posição no mundo, é totalitária como o complexo; [...] é o centro de referências de uma infinidade de significações polivalentes" (SARTRE, 2011, p. 697). Para a psicanálise existencial não cabe falar em ignorância de si: seja para o bem ou para o mal, fundar a razão de sua escolha em outro lugar que não si mesmo é má-fé. Afinal, o homem não tem natureza e, portanto, também nenhuma pré-disposição à autenticidade.

Quando *nasce o homem*? Pergunta certamente capciosa, pois confunde de modo propositado a generalidade de fazer parte da humanidade e o *acontecimento*, único, do surgimento de um ser-para-si, seja ele Jean-Paul ou João Paulo. Longe da tentação de pensar uma filosofia na qual o homem já nasce com cartola ou carteira de trabalho, Sartre tematiza a infância; mas não sem o cuidado de também situá-la: é justamente isso que separa os filhos dos proletários dos filhos dos capitalistas.

A decisão de não considerar senão as relações fortuitas e secundárias levam o psicanalista a negligenciar por princípio certas estruturas essenciais, como o *tipo de inserção no Ser* da realidade humana, seu *grau de inclinação* sobre o mundo, sua *distância absoluta* em relação ao real, etc., etc. (SARTRE, 1986, p. 93).

Assim, sua psicanálise é *regressiva e progressiva*, o que permite percorrer horizontalmente

todos os valores e empecilhos que marcaram tal época. É assim que a *escolha original* do homem Mallarmé finca raízes um pouco mais longe, em sua infância: a *orfandade* materna aos cinco anos de idade merece ser investigada. E isso faz-se sentir em sua poesia quando, muito tempo depois e já sem razões para tanto, o poeta insiste que *o mundo é um exílio...* ele retrata sua existência, essa *irremediável experiência de um fracasso*. Vida vivida como morte, passado que encobre de poeira os matizes indefinidamente repetidos de uma *escolha de ser*, a escolha original do poeta.

Sartre arrisca-se bastante com a proposição dessa psicanálise; a princípio, o filósofo afirma que a escolha original se dá no tempo da infância, o que requer admitir *escolhas infantis*; e, mais, essa escolha é consciente, ainda que não sabida. A consciência, aquela translúcida e intencional, não sabe de si até a idade da razão, até *voltar-se para si mesma*, até refletir: a criança faz escolhas conscientes e ignorantes (*escolhas de ser*). De novo, a *escuridão* se insinua, e Sartre, de modo claro,

rejeita o postulado do inconsciente: o fato psíquico, para ela, é coextensivo à consciência a escolha à qual irá remontar-se a psicanálise existencial, precisamente por ser escolha, denuncia sua contingência originária, já que a contingência da escolha é o inverso de sua liberdade. [...]; alcançaremos uma escolha que permanece única e que, desde a origem, é a concretude absoluta: as condutas detalhadas podem exprimir ou *particularizar* essa escolha, mas não poderiam concretizá-la mais do que já é. [...]; e tanto faz dizer que tal conduta em particular é ou que exprime a escolha original desta realidade humana, pois, para a realidade humana, não há diferença entre existir e escolher-se (SARTRE, 2011, p. 699-700).

Ser-para-si é ser uma necessidade entre duas contingências: homem ou mulher particulares, nenhum é necessário, tanto quanto a *humanidade* é contingente. Nada poderia justificar a contento a *posição* ocupada no mundo por homens e mulheres; mas é necessário que, se é, que sejam no mundo. A fenomenologia mostra que o mundo é *para o homem*, tanto quanto esse é para aquele; de novo a liberdade desafia: não é necessário sequer que o mundo seja desse modo, pois poderia ser qualquer outro, possível ou imaginável.

É assim que Mallarmé, *nos tempos da revolução de 1848*, pensa sua vida a partir de sua morte; também é assim que ele vê seu nascimento como sua entrada no *exílio*. "Suas repercussões mais profundas, é no ser-no-mundo da criança que vamos encontrá-las" (SARTRE, 1986, p. 97), o que se aplica a Stéphane e, no limite, a todos os homens e mulheres. De fato: se seu modelo de homem advém do *passado burguês grandioso* que, ainda que tenha tido sua opulência, no século XIX permanece memória idealizada, a existência somente poderia ser um fardo; afinal, para o poeta a liberdade de ser deveria previamente estar adequada ao modelo projetado por ele mesmo, e o mundo idem. Pobre homem, que saudável e alimentado, respira para poetar que o mundo que habita é *um vale de lágrimas*. Ao homem que fora criança, passa-se como se "ele fosse submetido a um segundo desmame que bruscamente acorda nele o sentimento de um 'objeto escapando, que faz falta'. A criança perde sua verdade" (SARTRE, 1986, p. 99); a honra, a força e a grandiosidade do burguês, pensadas como *nobreza* na medida em que mantém suas virtudes tendo abolidos os seus vícios, definham em um mundo de desonra e covardia, pobreza, talvez, que ainda que seja resultado da ação predatória burguesa, aparece nesse contexto como a *feiura do mundo*.

Triste mundo, que não deixa alternativa a Mallarmé senão *manter uma distância intransponível* de tudo que não seja nobre, burguês e belo. Longe da realidade e negando-a de certo modo, não resta muita coisa palpável; o etéreo esfumaça-se. De novo a infância, pois "Aos dez anos esse pequeno morto esconde em si uma velhice secreta e a experiência de um século" (SARTRE, 1986, p. 107), advinda, evidentemente, de sua família, de seu pai a seu avô passando pela morte prematura de sua mãe. Homem-funcionário. Nada. Não ser absoluto, que aparece na sua função meramente negativa: o poeta prefere a solidão, e quer distância entre ele mesmo e outras pessoas, *todas as pessoas*, incluindo aqueles que partilham com ele *seu mundo* (sociedade) e, mesmo, sua família. A liberdade, quando apartada

de sua parcela *negativa*, capenga ante a exigência de cristalização de valores; a filosofia da liberdade se recusa a tal feito, pois "o termo último desta investigação existencial deve ser uma *escolha*" (SARTRE, 2011, p. 700, grifo do autor).

Sartre, via psicanálise existencial, analisa a situação (e poesia) de Mallarmé, homem que *se reconhece* como lançado no mundo, mas que jamais assume sua situação. Se alguma coisa *do mundo* desagrada o poeta, ele não hesita em *colocar o mundo inteiro entre parênteses*; e, lembra Sartre, os poetas são *filhos e homens de seu tempo*, "pessoas que no mais profundo de seu ser, são determinadas pelo conhecimento disso que foi antes deles. Estranhos produtos de uma história que é bruscamente revelada em seu esplendor e suas barbáries para esconder-se repentinamente" (SARTRE, 1986, p. 122). É assim que *as coisas do mundo* são descritas na poesia de Mallarmé, como se resultassem de uma genuína *Epoché*: o poeta, com sua pretensão de se manter distante do mundo, permanece situado poetando visagens.

A poesia de Mallarmé, nada que *irisa sobre o ser* devido recusar a crueza da realidade, *desespera-se*: e revela assim a possibilidade de dissolução da linguagem enquanto *expressão de ser-no-mundo*. O projeto de, a partir *desse mundo de perfeição ideal* superar o mundo *existente em toda sua rudeza*, é mantido; mas o que o move? A liberdade, é claro, aquela mesma que também moveu Sartre em sua análise da poesia mallarmeana. A psicanálise existencial

deverá ser inteiramente flexível e adaptável às menores mudanças observáveis no sujeito: trata-se de compreender aqui o *individual* e, muitas vezes, até mesmo o instantâneo. [...] E, precisamente por que o objetivo da investigação deve ser a descoberta de uma *escolha*, e não de um *estado*, esta investigação deverá manter sempre em vista que seu objeto não é um dado soterrado nas trevas do inconsciente, mas sim uma determinação livre e consciente - determinação essa que sequer chega a ser uma habitante da consciência, mas que se identifica à própria consciência (SARTRE, 2011, p. 701, grifo do autor).

É assim que, por exemplo, na falta (nada) daquela realidade idealizada (a nobreza perdida),

a linguagem encena (e pode) *destruir* o mundo *real*, substituindo-o por algum *poetizado*: esse seria o *dever sagrado* da poesia, que tomará para si, pelas mãos desse *poeta delirante*, a *recriação* do mundo. É a *infância do funcionário* o lugar de onde parte o poeta, o momento em que essa *criança* conhece seu *destino*: "Você será administrador como seu pai" (SARTRE, 1986, p. 104). Livremente, o menino saberá que "o homem está sempre inacabado, sempre em suspenso; é preciso, para decidir o que ele é, acompanhá-lo até a última hora, pois somente a morte totaliza sua vida" (SARTRE, 1986, p. 105). Ainda assim o poeta volta-se para palavras, e não para suor e sangue (revolução); ali, a semântica fará do *caos e feiura* reinantes o esterco de onde deverá brotar a mais linda e delicada rosa, de perfume inebriante. Poesia.

A liberdade partida ao meio, a liberdade que *constrói sem destruir*, apresenta-se em toda sua singela desimportância; porque não existe nem pode existir, ela nasce do passado, daqueles modelos adquiridos na penumbra da infância. As sombras cegam o poeta; vale lembrar, o homem-poeta foi criança que "não se aceita. Ele surpreendeu nele mesmo as virtudes revestidas da pequena burguesia, ele sabe que elas foram nele instaladas para sempre" (SARTRE, 1986, p. 115). O ser-para-si, em sua falta de ser, é *movimento negativo* rumo ao em-si e demais para-sis; assim, qualquer projeto de ser, independentemente de suas escolhas ônticas, obedece ao *mandamento ontológico*: assim como todos homem e toda mulher, Stéphane almeja ser Deus; ou, em termos ontológicos, o que move a poesia mallarmeana é, no fundo, seu vão projeto de *realizar o ser-em-si-para-si*, seja *em seu mundo*, seja em seu exílio poético. Ocorre que

todas essas escolhas livres – ainda que sucessivas e contraditórias – integram-se na unidade de meu projeto fundamental. Não significa, de modo algum, que devamos captá-las como gratuitas: com efeito, quaisquer que sejam, serão sempre interpretadas a partir da escolha original, e, na medida em que a enriquecem e a concretizam, sempre irão trazer consigo seu próprio móbil, ou seja, a consciência de seu motivo (SARTRE, 2011, p. 579-580).

A criação poética nutrida pelo passado (ideal) exclui, por princípio, a liberdade: trata-se de recriar o mundo *a partir de reminiscências*, de um tempo grandioso da burguesia, das figuras dos inesquecíveis amantes e cavalheiros altaneiros que, de fraque e luvas, ostentavam sua bravura em um duelo.

Nada dessa *feiura real*, de um mundo de operários e sua prole, de fábricas e fumaça, mas o bucólico do cantar de um pássaro na fonte dos jardins de um enorme palacete. Fazer-se poeta mascara um trabalho repetitivo, entediante e mal remunerado: ansioso pela glória duma nobreza inventada, o agora funcionário-poeta obedece aos horários e cumpre ordens; homem situado, imagina seu futuro. Mas a rudeza desse mundo não tarda em exibir sua *verdade*; Mallarmé escolhe-se *exilado* e, enquanto tal, *deixará a ciência* para os homens; ele não precisa dela, ele tem seu ideal de *Beleza*, onde pode se refugiar. Mas seu *refúgio* não lhe permite *tornar-se*, ali, *uma estátua* tão bela *quanto as poesias* que ele talhou; Mallarmé cumpre a sina de todo ser-para-si, ele fracassa.

Evidentemente essa tentativa transporta a criança ao plano reflexivo: ele realizará a atitude querida enquanto consciência de consciência: ele vê o mundo através de algum vidro e, mesmo assim, a consciência reflexiva finge ver a consciência refletida que quer. Assim, refugiando-se na consciência reflexiva é perfeitamente possível dizer que esse mundo que experimentamos não é o mesmo que vemos (SARTRE, 1986, p. 115).

É de seu *fracasso pessoal* que Mallarmé decreta o *fracasso da poesia em poesia do fracasso*, como estampado em sua obra. A geração de poetas fracassados, contemporâneos de Mallarmé, *levam o fracasso*, seu fracasso, *para o seio da história*: e, na contrapartida, eles verão o fracasso em tudo, até mesmo *no Cosmos* (fracasso cósmico).

A liberdade situada revela o homem *a si mesmo*, aquilo que ele (e o mundo) *deve ser*; ou, conforme afirma Sartre, a psicanálise existencial visa “elucidar, com uma forma rigorosamente objetiva, a escolha subjetiva pela qual cada pessoa se faz pessoa, ou seja, faz-se anunciar a si mesmo aquilo que ela é” (SARTRE, 2011, p. 702); ser-humano é

lutar em duas frentes: ele busca uma *escolha de ser* que é e, ao mesmo tempo, busca realizar um *ser que não é* (existência particular). Mallarmé, de seu lado, insistirá teimando na *produção de uma filosofia do transcendente*, mas ele o faz em um tempo em que o fundamento *transcendente* de toda transcendência, Deus, já estava morto: é assim que *pela linguagem* o poeta *evoca* o Deus e a *grandeza burguesa* ausentes; a linguagem lhe permite transpor *do passado* o modelo de *futuro*, mas ele jamais vai se realizar.

A totalidade, entrevista, é isso que ela é, infinitamente, sempre e em todo lugar; a criança traduz: ela não é senão isso que ela é. Toda coisa é sempre tudo isso que ela pode ser, nas circunstâncias nas quais é considerada; a criança traduz: ela não pode ser outra que ela não é; ele cria uma cerca desoladora: 'nada não é senão isso que é', esforço vão para limitar o Ser pelo Nada (SARTRE, 1986, p. 101).

Enfim, para Sartre a poesia simbolista se afoga miseravelmente em suas pretensões exageradas (*mistério órfico da terra*); ainda assim o filósofo apresenta alguma contrapartida, e recorre a Blanchot para mostrar que *a força da linguagem se radica no Ser*, ou seja, que a poesia deveria radicar-se, tal qual a psicanálise, na ontologia, e não o contrário. Mas isso, de *dever ser*, já avança para além do desejado e exige falar de ética do porvir, visto que não basta querer: para Sartre é preciso *querer querer*.

Nota 3, Mallarmé e a liberdade sonhada

Parece claro que a dissociação entre mundo e homem está, segundo a filosofia da liberdade (mostrado pela psicanálise existencial), interdita em sua origem: não há mundo sem homem, assim como não pode haver homem sem mundo, é o mantra primeiro da fenomenologia *segundo Sartre*. A filosofia da liberdade lembra que o projeto

enquanto totalidade de meu ser, exprime minha escolha original em circunstâncias particulares; não passa da escolha de mim mesmo como totalidade nessas circunstâncias. É por isso que um método especial deve ter por objetivo destacar esta significação fundamental que o projeto comporta e que não poderia ser senão o segredo individual de seu ser-no-mundo (SARTRE, 2011, p. 690).

O método progressivo-regressivo antecipa a resposta. Não é a partir de um *mundo determinado* (França, século XIX e todas as nuances históricas que levou a esse *estado de coisas*) que a poesia de Mallarmé se orienta; ao contrário, será seu mundo *real* aquele que deverá dobrar-se ao ideal poético, seu projeto original de ser. Impregnada de má-fé, a poesia preenche a falta objetivada no ser pelo próprio poeta, e pelos ressentimentos que ele representa: a liberdade de Stéphane, que angariou tantas outras liberdades de poetas e admiradores, aponta "nada".

Poesia da *criança que brinca*, em Mallarmé essa consciência infeliz vai "afrontar, para a conta de todos, o Singular e o Universal, a Causa e o Fim, a Ideia e a Matéria, o Determinismo e a Autonomia, o Tempo e a Eternidade, o Ser e o Dever-Ser" (SARTRE, 1986, p. 136). Ainda assim, mesmo que o sonho da liberdade tenha se tornado pesadelo pelas mãos do poeta, nem por isso cabe dormir tranquilo: uma revolução bate à porta, alguma guerra se anuncia... e, distante de si e de seu mundo, Mallarmé *faz crer* na ausência *do todo* a partir da ausência *de si mesmo*. Não lhe falta o homem que ele é, afinal é *desse solo* que ele existe, mas o homem *que ele teria sido*. "Os poetas far-se-ão, uma vez mais, agentes da contrarrevolução preciosa. Com a melhor fé do mundo: eles querem 'se distinguir' da burguesia" (SARTRE, 1986, p. 35); ou seria mais adequado dizer distinguir-se do *povo* que, em grande medida, ele é?

Ao negar o homem-futuro, Mallarmé elege o homem *perdido no passado*; ele repete o embuste *humano, demasiado humano*, de admitir um determinismo *prático*, ainda que sustentado no mais *cósmico* dos sentidos *teóricos* (realização do ser-em-si-para-si). A poesia acaba sendo um *eco de nada* que Mallarmé opõe ao ser, com a qual ele *escava* o ser e, daí, erige num buraco seu modelo de homem (do *passado*, *em-si* revestido de nada). Mais uma vez Sartre é preciso:

Portanto, o que eu me faço ser é um modo de ser. Tanto é verdade que sou responsável pelo meu ser-Para-outro, na medida em que o realizo livremente na autenticidade ou na inautenticidade. É em total liberdade e por

uma escolha original, por exemplo, que realizo meu ser-com sob a forma do "se" impessoal (SARTRE, 2011, p. 318).

O homem, ou melhor, *o que ele deveria ser* sofre do mesmo mal que o mundo visto por Mallarmé; não apenas *irrealizável*, esse projeto de homem expressa-se na *má-fé* que nega a situação (mundo *vivido*) e espera, *de um salto*, alcançar um *mundo futuro*. Todavia, esquece-se o poeta que o mundo será, sempre, presente, e que toda possibilidade de superação seja de que *mundo for* somente poderia advir do homem. Transferir *ao cosmo* aquilo que nada mais é que *ação humana* pode parecer tentador, *poético* até; mas nem mesmo palavras bem escolhidas podem esconder o evidente processo de má-fé.

É assim que Sartre mostra os limites da obra de Mallarmé: ele, com sua poesia, *fracassa* na tentativa de construir um *homem novo* (o modelo lhe vem do *passado*) para um *novo mundo*; e, ademais, não será a partir de um projeto de homem que tira seu modelo de uma burguesia idealizada ante sua derrocada, que o *mundo* será mudado. É o homem *existente*, justamente aquele que o poeta *nega*, quem faz mundo e poderia mudá-lo; a poesia de Mallarmé *realiza Nada*, ela é negação enquanto repetição do fracasso poético de *fundar o Ser* negando a si, ou, como resumirá Sartre, *a verdade alcançada por esses poemas é nula*. Ou,

Vemos como o passado é indispensável à escolha do porvir, a título de "aquilo que deve ser mudado", e, conseqüentemente e ao mesmo tempo, como nenhum livre transcender poderia efetuar-se exceto a partir de um passado - e também como, por outro lado, esta *natureza* mesmo de passado advém ao passado a partir da escolha original de um futuro (SARTRE, 2011, p. 611, grifo do autor).

É a falta vivida por Stéphane que a poesia de Mallarmé erige, e toda a força de sua obra revela o sonho burguês ante o pesadelo revolucionário; falta que é generalizada em sua poesia e nas expectativas irreais sobre mundo e homem. Assim, Sartre afirma que *L'après-midi d'un faune*, obra de 1876, é o exemplo mais acabado de *suicídio* do homem ao qual leva essa poesia.

O filósofo faz ver o caráter niilista da obra de Mallarmé, algo que pode soar extemporâneo; mesmo assim, nota-se a clara relação entre aquilo que seria a *escolha original* do poeta (sua *cumplicidade de consciência*) e a vontade de nada. É o niilismo que se torna *possibilidade de realização humana* nas mãos de Mallarmé: ele *escolhe* palavras e estruturas linguísticas. Situado em seu tempo, negando-o em favor de um sonho burguês, o poeta escolhe; e "Escolher é fazer com que surja, com meu comprometimento, certa extensão finita de duração concreta e contínua, que é precisamente a que me separa da realização de meus possíveis originais" (SARTRE, 2011, p. 574). Faz-se possível porque ele mesmo, o agora *poeta* Mallarmé, *realiza-o* em sua poesia; isso anuncia o estranho fenômeno de uma poesia corrosiva, *que se destrói a si mesma*. Esse *final melancólico*, seja da poesia ou do homem, foi anunciado desde seu princípio desconhecido: ciente de que a via *divina* de totalização foi interdita, e que qualquer incursão por ali esbarraria no muro do ateísmo, Mallarmé julgou por si mesmo capaz de *fundar* a Totalidade. "O poeta é um xamã. E é seu nascimento futuro que lhe impõe, do fundo do futuro, 'o dever de tudo recriar'" (SARTRE, 1986, p. 124). Homem que, na véspera de morrer asfixiado, obriga sua esposa e filha a queimarem boa parte de seus escritos; *és pó e ao pó tornarás*, sentença que além do poeta, realiza-se com parte de sua poesia, que se torna literalmente cinza.

O para-si, ser-consciência *translúcida*, não deixa de ser em-si: cada homem é seu corpo, sua situação, suas experiências e todas as atribuições que outros olhares (e ele mesmo) lhe impingem. O homem *é no Ser*, o que explica que ele seja seu corpo; ele nasce e morre, adocece e sonha, filosofa ou poeta: poetizar o nada via *negação da situação* (mudanças sociopolíticas na França) gera um tipo de filosofia ou poesia bastardas, cujo reconhecimento pode ser medido em relação direta com o seu distanciamento da vida dita *real* (situada). "Mesmo que, talvez, nos perguntemos se o niilismo que professa o poeta não é justamente o álibi que permite ao professor de adotar, sem remorsos, todos os conformismos.

Mas não. [...] Ele sofre" (SARTRE, 1986, p. 131). Não há senão um mundo e, dele, todos os mundos possíveis podem ser engendrados; e isso, se forem *erigidos agora*.

O poeta se recusa partir do homem que ele é, e o é porque escolhendo-se ele se fez (poeta-funcionário que se sonha burguês); ele produz um pensamento de cunho onírico onde dança com *faunos e ninfas* e, do mesmo modo, ao desprezar e ignorar *quem* são seus *contemporâneos*, fala de um mundo que subsiste em seu *nada de ser* como acólito de almas penadas que se recusam a assumir sua condição. A totalidade desejada se esvai, em pedaços de *segredos órficos* que a terra mesma, ou o fogo ou o tempo, cuidam de dar fim.

Mallarmé recusa o mundo, e esse é seu exílio; ele se nega a significar a existência *a partir do homem que ele é* (funcionário-poeta), e poetiza desde *um homem* que encarna Stéphane. Ele *julga o que o homem deveria ser*; homem fictício, que *poetiza* uma verdade cósmica, o *anti-homem* que se projeta em um *mundo imaginário, proposto em poesia*. "Estranha ilusão dos poetas: isso que eles nomeiam aristocracia de espírito, é a submissão das virtudes burguesas. Mas a classe dirigente mesma é responsável dessa ilusão" (SARTRE, 1986, p. 56), seja em 1850, seja hoje. O homem sem Deus se faz *deus-homem* em Mallarmé, e seu reino, *A grande obra*, não poderá mais que se servir do *livre jogo* de palavras, da *linguagem poética* e do imaginário; mas como o final de um delírio, *esse homem* volta a si e se dá conta de que tudo foi um sonho, que cabe levantar, ir ao trabalho, almoçar com os amigos, pagar contas.

A psicanálise existencial realiza seu intento: mostra a poesia que refaz o sonho malogrado de uma época em sua horizontalidade. Assim,

as condutas detalhadas podem exprimir ou *particularizar* essa escolha, mas não poderiam concretizá-la mais do que já é. Isso porque essa escolha nada mais é do que o *ser* de cada realidade humana; e tanto faz dizer que tal conduta em particular é ou que exprime a escolha original desta realidade humana, pois, para a realidade humana, não há diferença entre existir e escolher-se (SARTRE, 2011, p. 700).

Seguindo a orientação de seu projeto, de su-

plantar o *deus-mulher* perdido no ato de sua entronização no mundo, a poesia mallarmeana mostra *sua escolha* original que, particularizada em seu ser, revela-se por seu poeta; ao mesmo tempo, cumpre lembrar que a recepção calorosa de sua poesia anuncia um projeto de ser compartilhado. A livre escolha do poeta toma corpo a partir de sua repetição e manutenção no mundo; e a importância do poeta Mallarmé no século XXI fala por si mesma.

Mas o olhar severo do existencialismo não admite exceções, nem respeita homens célebres; a admiração pelo gênio Stéphane não admite esconder sua *intenção*, revelada tanto pelo sentido muito próprio que o poeta imprime em sua obra quanto pela acolhida geral e influência de sua poesia: é mais fácil amar um sonho. Enfim,

Agora nós conhecemos o nome de seu mal: a Impotência. Problema patológico? Fracasso da imaginação? Exigência muito alta? Ele mesmo, doente, não sabe nada; ele hesita, mas mesmo assim batiza a impotência 'Musa moderna', por vezes não vê aí senão a funesta consequência de um priapismo adolescente (SARTRE, 1986, p. 125-126).

O *desespero da situação* o toca até a medula, e Mallarmé, homem assustado, deseja que o tempo passe rápido para que ele volte a dormir e sonhar; mas esse *sonho cósmico* está fadado a ser interrompido pela *manhã* que se inicia, cada vez que o homem *acorda* e se encontra em um mundo, *injustificado, sem desculpas, sozinho*; ele sabe que terá, mais uma vez, que *se projetar* lá longe, *naquele passado inalcançável* onde Deus residia e, de lá, *propor aquele futuro inalcançável* de prazer (que na verdade é *criado* a partir de *memórias*) no qual as *belas estátuas de bronze* que o homem *deveria ser*, existem. Mas o Deus morto não poderá, do fundo de sua morte, *manter nenhum valor mundano-concreto*; é o homem, o único ser capaz de fazê-lo. "Nós não pensamos a Realidade Humana, nós a vivemos, pois ela é o *paradoxo*, o conflito sem síntese. O homem é esse ser [...] a subir rumo ao trono de Deus e que não chega lá jamais. O homem é drama. Esse drama Mallarmé o viveu" (SARTRE, 1986, p. 137). O ser nadificado não sustentará jamais o

homem idealizado, e assim a poesia de Mallarmé é devolvida a si mesma; ele insiste em fundar o mundo imaginário, homem idealizado habitante do *cosmos*, repetição daquele mesmo Deus que lhe faltou no início e que agora *muda de nome*. A poesia se faz sonho, amado por Stéphane, o homem que se escolhe poeta. Mallarmé.

Referências

BOCCA, M. C. *Psicanálise existencial e o método progressivo-regressivo*. Curitiba: Appris, 2021.

FUGIWARA, G. Baudelaire: prolegômenos a toda biografia existencial Sartreana futura. *Griot: Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 233-259, 2018. <https://philpapers.org/rec/FUJBPA>. Acesso em: 18 jul. 2022.

MALLARMÉ, S. *Um coup de dés*. Córdoba: Babel Editorial, 2008. Disponível em: www.letras-uruguay.espa-ciolatino.com/e/mallarme_stephane/un_coup_de. Acesso em: 19 nov. 2021.

MOURA, C. E. de. *Psicanálise existencial, existencialismo e história*. Curitiba: CRV, 2017.

SARTRE, J-P. *Baudelaire*. Paris: Gallimard, 1963.

SARTRE, J-P. *L'idiote de la famille*. 1. ed. Paris: Gallimard, 1971.

SARTRE, J-P. *Mallarmé – la lucidité et sa face d'ombre*. Paris: Arcades-Gallimard, 1986.

SARTRE, J-P. O existencialismo é um humanismo. Tradução de Vergílio Ferreira. In: SARTRE, J-P. *Os Pensadores - Sartre - O Existencialismo é um Humanismo - A Imaginação - Questão de Método*. São Paulo: Abril S.A., 1973. p. 7-38. (Os Pensadores).

SARTRE, J-P. A Imaginação. Tradução de Luiz R. S. Fortes. In: SARTRE, J-P. *Os Pensadores - Sartre - O Existencialismo é um Humanismo - A Imaginação - Questão de Método*. São Paulo: Abril S.A., 1973. p. 115-197. (Os Pensadores).

SARTRE, J-P. *O Ser e o Nada*. Tradução de Paulo Perdigão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SARTRE, J-P. *Saint Genet – ator e mártir*. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, T. M. de. Sartre e a psicanálise existencial: apontamentos sobre o caso Jean G. *Revista Natureza Humana*, [S. l.], v. 20, n. 2, 2018. Dossiê Winnicott. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v20n2/v20n2a08.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

Luciano Donizetti da Silva

Doutor em História da Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos, SP, Brasil. Professor de Filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Juiz de Fora, MG, Brasil.

Endereço para correspondência

Luciano Donizetti da Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora
Campus Universitário
Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Instituto de Ciências Humanas, Bloco C, IV, sala 01
São Pedro, 36036-900
Juiz de Fora, MG, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá
Comunicação e submetidos para validação do autor
antes da publicação.*